

PRÁTICAS DECOLONIAIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

LUCAS MATHEUS RIBEIRO VARGAS¹; AMANDA FERREIRA MOREIRA²;
CAROLINE LEAL BONILHA³

¹Universidade Federal de Pelotas – luk153922@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ferreiraamanda31@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, os povos indígenas e os africanos foram os primeiros grupos que atuaram na formação da cultura nacional conferindo à sociedade brasileira muitos de seus valores e manifestações artísticas. Diante disso, o presente trabalho pretende discutir sobre o etnocentrismo na cultura escolar, através de uma perspectiva decolonial.

O presente texto surge a partir de uma reflexão acerca de uma atividade desenvolvida pelo subprojeto Artes Visuais do Programa Institucional à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Pelotas. O trabalho tem como objetivo refletir sobre o processo de implementação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, que dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo da Educação Básica, mas também de como estes regulamentos são de extrema importância para formação da identidade cultural de sujeitos em processo de formação. A LDB, no primeiro parágrafo do artigo 26, coloca que:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 1996)

Nesse sentido, reconhece a importância de adotar práticas pedagógicas para desconstruir a perspectiva etnocêntrica europeia. Para compreender a definição de etnocentrismo utilizamos o pensamento de Rocha, que diz:

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. (ROCHA, 1988, p.05)

Portanto, etnocentrismo trata-se de uma concepção na qual existe uma valorização de uma determinada cultura sobre outra, com isso, por outro lado a desvalorização de outras culturas. Diante destas reflexões, o trabalho analisa a atividade mencionada anteriormente, que aborda diversidade cultural.

2. METODOLOGIA

Este trabalho surge a partir de uma reflexão realizada acerca da elaboração de uma atividade desenvolvida pelo subgrupo Artes visuais para os alunos da Escola Municipal Cecília Meireles. O grupo se orienta em trabalhar sobre a diversidade do território brasileiro, ou seja, as culturas existentes, utilizando-se como referencial para realização das tarefas a BNCC (Base Nacional comum curricular) e o DOM (Documento Orientador Municipal).

A partir dessa atividade foi realizado um estudo teórico, que foi apresentado na introdução do trabalho. E a seguir, será realizado uma análise da atividade pensando sobre a forma como ela trabalha as questões culturais, quebrando uma perspectiva etnocêntrica.

A atividade a seguir foi desenvolvida para os alunos do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, na qual o grupo tratou de abordar a arte marajoara. Com isto, para construção desta tarefa utilizou a proposta triangular de Ana Mae Barbosa (1991), sendo ela constituída por três segmentos: contextualização histórica (conhecer a sua contextualização histórica); fazer artístico (fazer arte); apreciação artística (saber ler uma obra de arte). O eixo da apreciação permite que os discentes tenham contato com artefatos de arte. Enquanto a contextualização, trata-se de compreender a manifestação no seu tempo e espaço de produção. E o último eixo está relacionado à produção, momento que educando utiliza-se seus conhecimentos sobre as linguagens para transformar em invenções artísticas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do que foi dito acima, a atividade que está sendo analisada tem como embasamento a proposta triangular, sendo assim, para o desenvolvimento da tarefa para os discentes utilizou os três eixos de Ana Mae Barbosa (1991), contextualização desta arte, apreciação da arte e o fazer artístico respectivamente. Contextualizando o local em que arte marajoara surgiu, ao mesmo tempo que, é apresentado cerâmicas desenvolvidas por artistas locais contendo representações gráficas características desta arte, com diversas simbologias presentes. E por fim o fazer artístico, onde o educando se torna o autor, se utiliza dos conhecimentos adquiridos, para realizar uma produção autoral.

Dessa forma, os alunos virão a ter um contato cultural com uma expressão artística, onde os grafismos da arte marajoara deixarão de ser somente um elemento gráfico para ser parte constituinte da dinâmica cultural de um grupo que talvez seja desconhecido para eles. E assim, a perspectiva etnocêntrica é substituída por um olhar atento a outros povos, e outras culturas.

Os materiais utilizados serão: folha de ofício, régua e material de pintura. Estes foram utilizados para que os alunos possam ter um contato mais direto com a expressão artística, respeitando o protagonismo dos povos indígenas que originalmente criaram os grafismos, mas conhecendo a técnica mais profundamente através de produções autorais.

Por fim, esta atividade foi segue em aberto, pois, devido ao contexto pandêmico, as tarefas estão sendo aplicadas quinzenalmente. Dessa forma, ainda não há devolutivas da tarefa mencionada anteriormente.

4. CONCLUSÕES

Aprender e conhecer sobre o Brasil e sobre o povo brasileiro é aprender a conhecer a história e a cultura de vários povos que aqui se encontraram e contribuíram com suas bagagens e memórias na construção deste país e na produção da identidade brasileira. (MUNANGA. 2008 p. 138). A partir disso, sabemos que o território brasileiro é constituído por três principais povos étnicos, seriam estes, os indígenas, os africanos e os brancos europeus.

Entretanto é necessário ressaltar que os africanos e os indígenas foram escravizados durante a colonização do homem branco europeu. E mesmo após séculos de uma miscigenação entre os povos e uma série de mudanças sociais e a inclusão da obrigatoriedade da História e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos do ensino nacional, onde é notório que os conteúdos não são apresentados da mesma proporção, com isto, ocorrendo uma desvalorização de uma cultura perante as outras no Brasil, demonstra veladamente uma propagação de um padrão europeu, considerado superior aos povos indígenas e africanos, sendo estes alvos de preconceito e discriminação.

Dito isso, faço um viés com atividade que foi exposta acima, onde a formulação da atividade surge devido o apagamento de povos que contribuíram para formação cultural do território nacional, sendo estes lembrados apenas em datas comemorativas e esquecidos durante o restante do ano. O saber sobre sua própria cultura faz com que os sujeitos se tornem conscientes da realidade que os cerca, fazendo assim, que estes indivíduos identifiquem e apreciem as manifestações e elementos artísticos de outros povos que constituem o território brasileiro.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996. Acessado em 23 jul. Online. Disponível em :http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

ROCHA, E.P.G.R. **O que é etnocentrismo.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

BARBOSA, A.M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva, 1991.